

## **Os antagonismos fundamentais de Nietzsche: a interpretação de Wolfgang Müller-Lauter**

*Nietzsche's fundamental antagonisms : the interpretation of Wolfgang Müller-Lauter*

Renato Nunes Bittencourt\*

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. Trad. de Clademir Araldi. São Paulo: Ed. Unifesp, 2009, 312p.

O conjunto da obra de Wolfgang Müller-Lauter é fundamental para a consolidação dos estudos maduros sobre a filosofia de Nietzsche. Após a expressão das mais diversas interpretações ideológicas do legado do pensamento nietzschiano, inicia-se o diligente trabalho filosófico-filológico de Giorgio Colli e Mazzino Montinari no ousado projeto editorial de publicação da obra completa de Nietzsche através da *Kritische Studienausgabe* (KSA) e da *Kritische Gesamtausgabe* (KWG). Müller-Lauter herda essa hercúlea tarefa intelectual, capitaneando ainda a direção editorial da mais prestigiosa publicação acadêmica sobre a filosofia nietzschiana, o *Nietzsche-Studien*, em circulação desde 1971.

Nessas circunstâncias, a publicação pelo mercado editorial brasileiro de um dos mais importantes trabalhos de Müller-Lauter, *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos da sua filosofia* (publicado originalmente em 1971), em competente tradução de Clademir Araldi e com uma esclarecedora apresentação de Scarlett Marton preenche finalmente uma lacuna bibliográfica para a compreensão radical da filosofia nietzschiana.

Uma das questões cruciais do projeto intelectual de Müller-Lauter consiste na crítica ao sistema interpretativo operado por Heidegger, que imputa a Nietzsche seu enraizamento na tradição metafísica da filosofia ocidental, não obstante sua crítica radical aos seus parâmetros axiológicos. A perspectiva de Heidegger é improcedente, pois Nietzsche cria uma experiência de pensamento que se pauta justamente na

---

\* Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ / Professor do Curso de Especialização em Pesquisa de Mercado e Opinião da UERJ / Professor do Curso de Comunicação Social da Faculdade CCAA/ Professor da Faculdade Flama - UNIESP / Membro do Grupo de Pesquisa Spinoza e Nietzsche. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: [renatonunesbittencourt@yahoo.com.br](mailto:renatonunesbittencourt@yahoo.com.br)

formação de um discurso filosófico que prescindia de qualquer vinculação com a transcendência e os restos teológicos da metafísica.

Mesmo os conceitos mais controversos da filosofia nietzschiana, como “eterno retorno”, “vontade de potência” e “além do homem” foram delineados em perspectivas imanentes, fisiológicas e mesmo éticas, afastando-se dos ranços metafísicos que a leitura de Heidegger tanto preconiza. Desmistificando as limitações hermenêuticas de Heidegger, Müller-Lauter se propõe a analisar de que maneira a formulação dos conceitos nietzschianos se caracteriza por uma coerência interna, não obstante a pretensa fragmentação de sua estrutura filosófica decorrente da aplicação de um estilo discursivo avesso ao modelo sistemático. Isso não significa que na obra de Nietzsche inexistia rigor conceitual ou um projeto filosófico; apenas foi superada a necessidade de uma organização intelectual monolítica. A potência das ideias está além da formalidade discursiva. Nessas condições, como comunicar aquilo que é insólito, singular? A obra de Nietzsche coloca em questão justamente a possibilidade de comungarmos as vivências da diferença, mas talvez a saída para tal impasse se encontre na valorização do *pathos* artístico, que se caracteriza pela capacidade estética de expressão daquilo que é irrepresentável pelos signos linguísticos. Nessas condições, o uso do estilo aforístico favorece a ampliação da riqueza semântica do discurso.

Algumas interpretações frágeis do pensamento nietzschiano postulavam que, pelo fato de seu discurso filosófico se pautar por perspectivas contraditórias, ambas se anulariam, impedindo assim que as suas ideias encontrassem uma coesão argumentativa mais sofisticada. Outro erro crasso desmistificado por Müller-Lauter em seu livro, pois a filosofia nietzschiana, adotando a axiologia do perspectivismo, jamais pressupõe o estabelecimento de conceituações e reflexões cristalizadas acerca de um tema, mas sim interpretações múltiplas das questões propostas. Tal viés justifica o fato de Nietzsche ao longo de sua obra apresentar análises críticas de problemas que, comparados estruturalmente, demonstrariam contradições, mas que vistos de forma ampla, representam uma forte coerência de pensamento. Não existe univocidade no tratamento de uma questão. Dentre tantos temas que se encaixam nesse foco argumentativo poderíamos citar a questão de Jesus na obra de Nietzsche, analisada no capítulo 4 do livro de Müller-Lauter, “Niilismo e Cristianismo”. Talvez nenhuma figura histórica tenha recebido de Nietzsche interpretações tão distintas ao longo de sua trajetória intelectual. Se em *Assim falou Zaratustra* Jesus é descrito como o hebreu que somente tinha lágrimas, no *Anticristo* Jesus é caracterizado como o alegre mensageiro,

evidenciando-se assim a existência de dois estados de espírito antagônicos. Entretanto, essa aparente contradição pode ser explicada quando compreendemos que o lastro crítico de Nietzsche se ampliou consideravelmente no período de redação das duas citadas obras, permitindo-lhe desenvolver outras perspectivas hermenêuticas acerca do problema. Pode ser que jamais um filósofo tenha valorizado tanto o devir do pensamento quanto Nietzsche. Isso não representa, no entanto, a ausência de um projeto filosófico definido, mas a capacidade intelectual de sempre fornecer interpretações novas sobre problemas definidos.

A questão dos antagonismos é fundamental na filosofia nietzschiana. Basta lembrarmos a valorização da agonística ao longo de sua obra, seja no âmbito das ações humanas, seja na própria natureza, ambas constituídas intrinsecamente por jogos de forças vitais nas quais as oposições são fundamentais para o florescimento de uma existência criadora. Toda luta promove a expansão da vida através da apropriação por mais potência. A leitura de *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos da sua filosofia* é crucial para que possamos compreender de maneira orgânica a importância das perspectivas antagônicas em seu pensamento, sem que uma venha a excluir a outra.

Recebido em: 15/03/2013 – Received in: 03/15/2013

Aprovado em: 01/07/2013 – Approved in: 07/01/2013